

MECANISMOS DE DEFESA NO GRUPO

Teresa Bastos Rodrigues¹

RESUMO

O presente artigo aborda a evolução dos mecanismos de defesa no grupo de grupanálise. Desde a entrada dos elementos para o grupo até a sua *cura analítica*, encontramos diversas fases de desenvolvimento que decorrem no sistema intra psíquico, no sistema interativo e, no grupo como um todo.

Palavras-chave: grupo, mecanismos de defesa.

MECHANISMS OF DEFENSE IN THE GROUP

ABSTRACT

The present article considers the evolution of the mechanisms of defense in the group of group analysis. From the entry of the elements for the group even to his *analytical cure*, we find several phases of development that pass in the intrapsychic system, in the interactive system and, in the group as a whole.

Key words: group, mechanisms of defense.

MECANISMOS DE DEFENSA EN EL GRUPO

RESUMEN

¹ Membro Efectivo da Sociedade Portuguesa de Grupanálise – SPG, Lisboa, Portugal.

El artículo del presente sube a la evolución de los mecanismos de la defensa en el grupo de grupo análise. De la entrada de los elementos para el grupo incluso a su *curación analítica*, encontramos varias fases de desarrollo que pasen en el sistema intra-psíquico, en el sistema interactivo y, en el grupo en conjunto.

Palabras clave: grupo, mecanismos de la defensa.

Esta comunicação, pretende abordar os mecanismos de defesa, durante o processo grupalítico. Quer na fase em que o paciente nos procura, com um leque restrito de defesas, quer durante o processo analítico. Lembre-se, que de início, o paciente estará em psicoterapia individual, durante algum tempo, e só depois entrará para o grupo, onde, naturalmente, se confrontará com os outros, e terá de alterar as suas defesas, no sentido adaptativo.

Ora, quando o paciente nos procura, há um pedido de ajuda que se traduz numa busca de mudança do seu estilo relacional, quer com os outros, quer consigo próprio. Sente que há um vazio, uma ausência da qualidade de conteúdo, um investimento objectal falhado. O terapeuta funcionará como contentor e transformador, numa fase inicial, dos elementos β em elementos α , atribuindo-lhes um significado através do processo de simbolização, função que o sujeito aprenderá e conduzirá ao seu conforto interno/externo.

Na práxis da Escola Portuguesa de Grupalítica, frequentemente, o paciente está algum tempo – seis meses ou mais – em psicoterapia individual, antes de ingressar no grupo. Fase em que estabelece com o analista, essencialmente, uma relação de confiança. De qualquer modo, as suas defesas estão fragilizadas e com pouca variabilidade.

Como defesas, entende-se a capacidade para resistir a ataques internos e externos. No Dicionário Houaiss (2001, p.1201) a definição psicanalítica de *defesa* é: 'conjunto de operações inconscientes que visam diminuir a influência de fontes de perigo que ameaçam a integridade do indivíduo'. Houaiss, ainda na aludida obra, diz que a noção de

mecanismos de defesa é um: 'Conjunto de sentimentos, representação e tendências comportamentais que sobrevêm, automaticamente, quando um indivíduo percebe uma ameaça psíquica, o que o protege da angústia, de uma tomada de consciência dos conflitos e perigos internos e externos, ou lhe permitem acomodar-se de uma forma mais fácil, sem necessariamente consciencializar-se deles nem atingir de facto uma nova adaptação ou um domínio da situação.' (Houaiss, p.2430). Trata-se, portanto, de mecanismos inconscientes que o Ego utiliza, com os quais o sujeito convive, sem que deles se aperceba. Só o processo analítico os poderá tornar (em parte) conscientes, e conduzirá à autêntica mudança e adaptação.

George Vaillant (1971, 1976 e 1983, citado por Justo *et al.*, 1998, p.3-4) categoriza os mecanismos de defesa em três níveis:

- *Defesas Imaturas*: projecção, fantasia, comportamento passivo-agressivo, dissociação, e passagem ao acto;
- *Defesas Intermédias*: recalçamento, deslocamento, formação reactiva, e intelectualização;
- *Defesas Maduras*: altruísmo, humor, supressão, antecipação, e sublimação.

A partir da classificação de George Vaillant, sendo um exemplo entre outros autores, podemos reflectir sobre os mecanismos de defesa: antes; durante; e após o processo grupanalítico; na sua maturação; selecção destes; e sua escolha adequada. Pensando a maturação das defesas sempre no sentido da *alta grupanalítica*, que como sabemos, tem como consequência a continuidade e internalização do processo analítico.

Em *Inibição Sintoma e Ansiedade* (Freud, 1926-1925, p. 160), já referia que: 'Pode muito bem acontecer que antes da sua clivagem em um Ego e um Id, e antes da formação de um Super-Ego, o aparelho mental faça uso de diferentes métodos de defesa dos quais ele se utiliza após haver alcançado essas fases de organização.' Freud, esboça a ordenação posteriormente apresentada por George Vaillant. Após Freud, a sua filha Anna Freud desenvolveu e aprofundou, através do seu

trabalho com crianças, os mecanismos de defesa. Hoje, é-nos de grande utilidade a compreensão do desenvolvimento afectivo-cognitivo da criança, pois mediante este conhecimento, podemos-nos aproximar muito mais do modo de funcionamento psíquico do adulto.

Edward Bibring (1943, citado por Laplanche, J. & Pontalis, J.-B.,1976, p. 360-361) e mais tarde Daniel Lagache (1956, citado por Laplanche, J. & Pontalis, J.-B.,1976, (p. 360-361) introduzem a noção de *mecanismo de desimpedimento*, a qual se opõe à de *mecanismo de defesa*, no sentido em que os mecanismos de desimpedimento obedecem ao pensamento e permitem ao sujeito libertar-se das repetições inconscientes. Para Lagache o mecanismo de desimpedimento enquadra-se na oposição entre a Consciência e o Ego: “a consciência (Ego-Sujeito) pode identificar-se com o Ego-Objecto, alienar-se nele (narcisismo) ou, pelo contrário, objectivar o Ego e assim se ‘desimpedir’” (1956, citado por Laplanche, J. & Pontalis, J.-B.,1976, p. 361). Desta forma, o Ego distancia-se do objecto e poderá observá-lo como um todo. Esta noção é importante porque se poderá ligar ao que adiante iremos expor, como uma maior consciência do Inconsciente, um fortalecimento do Ego e, obviamente, Defesas mais sofisticadas ou Evoluídas. Os mecanismos de desimpedimento são, por exemplo: o trabalho de luto; a passagem da dissociação para a integração; o desapego do objecto imaginário, que se complementa com a mudança de objecto.

Quando o sujeito ingressa pela primeira vez num grupo, já formado, confronta-se com outros elementos, que já lá estão, de certa maneira, em coesão. A sua interacção apresenta-se complexa porque tem dificuldade em expor-se, em ser observado e criticado, designadamente no que diz respeito às regras de conduta. Mas, este movimento, também é feito internamente pelo sujeito, relativamente aos outros elementos do grupo que se lhe apresentam como estranhos. Gera-se, então, um estado de ansiedade, conflito, e regressão.

De acordo com Ashbach, C. & Schermer, V. L. (1994, p. 94-98) e segundo a teoria de Mahler, podemos identificar seis fases de desenvolvimento do grupo:

- Primeira fase: os membros quase não se comunicam; de uma forma onipotente as fantasias são projectadas no líder; e há uma excessiva preocupação com o estado interno do próprio;
- Segunda fase: o grupo forma uma *órbita simbiótica* ao construir barreiras, no sentido de se proteger do exterior; as defesas enfraquecem e emerge um sistema de onipotência e narcisismo, entre os elementos do grupo; nesta fase o grupo funciona como holding paralelamente à simbiose – é o *grupo-mãe*;
- Terceira fase: considera-se o processo de separação-individação; toma-se consciência de que há outros além do *grupo-mãe*; o desenvolvimento das relações interpessoais permite o reconhecimento de que o outro é diferente; a separação dá-se no espaço interno e externo; a individuação proporciona o desenvolvimento das funções do Ego designadamente de autonomia, percepção e cognição, memória remota, e teste da realidade. Esta modificação implica uma identidade do grupo e uma identidade individual;
- Quarta fase: é considerada de treino. Aqui os elementos aprendem a lidar e adaptar-se às separações (o que se nota, por exemplo, na diminuição da necessidade de preencher os silêncios, num aumento de tolerância); o grupo-mãe funciona como restaurador das funções do Ego;
- Quinta fase: é o momento de aproximação, quando surge a agressividade e revolta para com o líder, como resultante da frustração relativamente a este, culminando numa restauração e reconhecimento das características positivas e negativas do outro, das características frustrantes e gratificantes, no fundo, é o saber lidar com a ambivalência; há a consolidação da individualidade e o aparecimento das emoções relacionadas com a constância e totalidade do objecto;

- Sexta fase: há a destacar a estruturação e internalização das relações objectais que têm como consequência um funcionamento independente e estabelecimento de relações significativas com o outro; consolidação da individuação, da identidade, da percepção da diferença de sexos e gerações e, ainda, a identificação sexual; há a tolerância da autonomia do outro; a estruturação do Ego permite aumentar a resistência à frustração e facilita a resolução de clivagens, o objecto é sentido como um todo, isto é, com amor e ódio; na essência é a resolução do Complexo de Édipo.

Ora, todas estas fases implicam desistência de uns objectos, formação de novos e reestruturação de outros. Vazios angustiantes que se prendem com determinadas relações objectais e mecanismos de defesa específicos. O vazio corresponde a um intervalo de tempo, e o tempo é contínuo, sem pausas, logo a vivência do vazio existe, com ou sem prazer, com ou sem angústia.

Ashbach, C. & Schermer, V. L. (1994, p. 112) consideram que no grupo se pode identificar três sistemas de interacção dinâmica:

- 1) *Espaço Intrapsíquico*, definido como vida mental e o espaço interno das relações objectais; e fantasias entre outros elementos da vida psíquica;
- 2) *Espaço Interactivo*, onde encontramos as transacções, como uma teia cujos nós são os elementos do grupo;
- 3) *Grupo-qua-Grupo*, caracterizado pela própria estrutura do grupo, o seu processo, e o seu conteúdo em determinada fase de evolução.

Os autores, acima referidos, elaboram uma grelha de análise do grupo, baseada nestes três sistemas. Estabelecem seis níveis de desenvolvimento (p. 166-171). De forma geral, o I e II correspondem a um estágio *regressivo*, o III e IV a um estágio de *individuação*, e o V e VI a um estágio *maduro*.

Nível de Desenvolvimento	DEFESAS		
	SISTEMA INTRAPSÍ-QUICO (Ψ)	SISTEMA INTERACTIVO (Δ)	GRUPO-QUA-GRUPO (γ) (O Grupo como um Todo)
	Defesas Primárias	Estilos de comunicação (Langs)	Ambiente (clima do grupo)/ hipóteses
I – Primordial	<i>'Psicóticas'</i>	Tipo C: indiferente	Luta
II – Primitivo	<i>'Borderline'</i>	Tipo B: busca de gratificação	Luta/fuga; dependência
III –Transicional	<i>'Imaturas'</i>		Nível mais alto: competição
IV – Edipiano	<i>'Neurótico'</i>	Tipo A: simbólico	Formação de pares
V – Orientação de Trabalho Analítico	<i>'Maduro'</i>		Actividade
VI – Realização do Self	<i>'Criatividade'</i>		

O Nível I: é O grupo Primordial, onde existem os silêncios, a confusão interna, a incapacidade para sentir ou pensar. Surgem as ansiedades primitivas, de medo de aniquilação, destruição e abandono. Há dois desejos contraditórios: de contacto/protecção e o desejo de matar. A tensão diminui com o aumento da onnipotência, e os elementos começam a idealizar o grupo.

Nível II: O Grupo Primitivo, caracterizado por um discurso racional mas defensivo. Aqueles que arriscam falar sentem-se isolados, ignorados, ou atacados. Surgem então as projecções paranóides.

Nível III: O Grupo Transicional, aqui há uma diminuição da fragmentação do grupo, devido à integração dos objectos parciais num todo. Cria-se um espaço entre os membros do grupo, o que leva à

individuação e separação. No grupo, já se sente que se pode construir um mundo a explorar e a imaginar, o que funciona como objecto transicional. Inicia-se um processo de luto, relacionado com a desidealização do terapeuta que se torna uma entidade mais real.

Nível IV: Edipiano, designado desta maneira por causa da repetição do padrão familiar, dos sentimentos de exclusão, da consciência das diferenças de geração e das diferenças de hierarquia. Aparece o desejo de amar e de ser amado. Ao nível Super-Egóico dá-se a interiorização da proibição do incesto, o que potencia o aparecimento da ordem moral e das regras de conduta.

Nível V: Orientação do Trabalho de Grupo, consolida-se a identidade e independência, tal como a consciência do igual e do diferente. A cooperação substitui a competição.

Nível VI: Realização do Self, atinge-se um alto grau de realização e bem estar emocional (Maslow, citado por Ashbach, C. & Schermer, V. L. (1994, p. 171).

A grelha debruça-se sobre as seguintes categorias: Visão Compreensiva das Relações de Objecto e do Self; Afectos/Defesas; Identificação e Externalização; Phantasia; Domínio Cognitivo; e Fronteiras e Estrutura. Deste modo, revela-se uma abordagem muito útil, na compreensão do funcionamento e evolução do grupo.

Na Escola Portuguesa, em que os grupos são semi-abertos, podemos aplicar os princípios da grelha, dada a importância capital que representa para a investigação e teorização da grupanalise.

Centremo-nos, então, no que se passa no grupo, quanto aos mecanismos de defesa, associados a cada um dos sistemas e níveis apresentados na grelha (p. 279-286).

No sistema intra psíquico, as defesas são consideradas *Primárias*: no Nível Primordial (I) 'psicóticas': negação da realidade, distorção e fusão; no Nível Primitivo (II) 'borderline': identificação projectiva, clivagem, idealização e desvalorização; no Nível Transicional (III) as defesas são classificadas como 'imaturas': negação da fantasia, isolamento dos afectos e formação reactiva; no Nível Edipiano (IV) as defesas são do tipo 'neurótico': repressão, isolamento dos afectos e

formação reactiva; no Nível de Orientação do Trabalho Analítico (V) temos as defesas 'maduras': espontaneidade, humor e altruísmo; finalmente, no Nível de Realização do Self (VI) a 'criatividade' surge através da sublimação e regressão ao serviço do Eu.

No que concerne ao sistema interactivo, os mecanismos de defesa são classificados como *estilos de comunicação*, segundo Langs (citado por Ashbach, C. & Schermer, V. L. (1994, p. 171).

No Nível I aparecem mecanismos de defesa *Tipo C*: indiferente; amorfo; e aparente não-comunicação. No Nível II, os mecanismos de defesa são do *Tipo B*: busca de gratificação; holding e contenção. O Nível III, é deixado em aberto para posteriores descobertas e, por conseguinte, não caracterizado, tal como acontece ao Nível V e VI. O Nível IV – Edipiano, é caracterizado por mecanismos de defesa do *Tipo A*, onde domina o simbólico, e expressões de conflito e condutas.

No sistema grupo-qua-grupo, no Nível I encontramos mecanismos de defesa relacionadas com a luta; no Nível II, temos luta/fuga e dependência; ao Nível III, considera-se o nível mais intenso competição; no Nível IV, surge a formação de pares; e, finalmente, no Nível V existe muita interactividade tal como actividade intrapsíquica.

Em suma, trata-se de uma boa reflexão sobre os mecanismos de defesa, que nos permite investigar e teorizar, de uma forma organizada, todo o processo de regressão/progressão existente no percurso grupanalítico.

As mudanças de relação objectais e de defesas são sempre dolorosas, implicam um processo de luto, que nem todos os sujeitos estão dispostos a suportar. Tornar-se um entre os outros passa por um processo de sofrimento. Funcionar evitando a dor, poderá parecer mais fácil, mas as consequências que daí advêm podem ser desastrosas, uma vez que um funcionamento em constante negação da realidade, identificação projectiva e clivagem, é um funcionamento, no mínimo, primário, que apenas poderá levar à (auto)destruição. A necessidade de evolução intra e intersíquica revela-se urgente na sociedade actual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASHBACH, C. & SCHERMER, V. L. **Object Relations, the Self, and the Group**. (1ª edição) New York: Routledge, 1987/1994. 313 p.

FREUD, S. (1926-[1925]). **Inibição Sintoma e Ansiedade**. In J. Strachey, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XX, p. 160). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

HOUAISS, A. & VILLAR, M. S. (2001). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss. Edição do Círculo de Leitores em 2002. p.1201-2430.

JUSTO, J., SILVA, A., NEVES, A. & FRADE, C. **Adaptação Portuguesa do Inventário de Mecanismos de Defesa (D.M.I.) na Versão para Adolescentes**. Manuscrito em revisão editorial. (1998). p. 3-4.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. **Vocabulário de Psicanálise**. Sob a Direcção de Daniel Lagache. 3ª Edição. Lisboa: Moraes Editores, 1967/1976. p. 357-361.

tm.rodrigues@sapo.pt

Recebido em: 03.05.08

Aceito em: 29.07.08